

## O feminino negro em *Leite do Peito*, de Geni Guimarães

Omar da Silva Lima<sup>1</sup>

IESCO – Instituto de Ensino Superior do Centro-Oeste

### RESUMO

A obra autobiográfica *Leite do Peito* (2001) é composta por 11 contos narrados em 1ª pessoa, com exceção do conto 9, “Coisas de Deus”, narrado em 3ª pessoa. Eles relatam de forma linear a história da menina negra Geni, a penúltima de uma família de 12. Nesta obra, a escritora negra Geni Guimarães imprime uma visão otimista com relação ao negro e sua formação identitária no Brasil. O crescimento da personagem Geni dentro da história (de menina pobre a professora) foge do estereótipo do destino da maioria das mulheres negras tanto do mundo ficcional da Literatura Brasileira quanto do mundo real no Brasil, pois, ao exercer uma função antes reservada a uma mulher branca, semeia uma mensagem positiva contra a interdição da maior parte da população negra ao espaço público. Portanto, vejo na escalada da protagonista negra, apesar dos percalços sofridos por ela no decorrer dos contos, um estímulo ao leitor, principalmente afro-brasileiro, porque a profissionalização de Geni em um ramo nobre, embora desprestigiado atualmente, pode despertar nele a vontade de vencer e conquistar, apesar de sua condição sócio-econômica, um bom lugar no mundo considerado dos brancos pelos próprios méritos. Pelo viés da evolução social do negro é que proponho a minha abordagem no artigo.

**Palavras-chaves:** Geni Guimarães, escritora negra, gênero, escravidão, negro, mulher negra.

### 1 – A dorida trajetória da menina Geni

A autora Geni Guimarães traça sua autobiografia de forma linear no livro de contos *Leite do Peito*. Assim, a escritora teve que evocar imagens de seu passado e reorganizá-las cronologicamente para transformá-las em discurso literário. O processo de resgate dessas imagens, aparentemente, não é muito complexo, pois, de acordo com Alfredo Bosi, em sua obra *O ser e o tempo da poesia* (2000, p. 19), a “imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa aquele processo de *co-existência* de tempos que marca a ação da memória” (grifo do autor), no final desse processo “o agora refaz o passado e convive com ele”. Entretanto, por mais que pensemos se tratar de um retrato fiel da autora, na “criação literária não há (e, aliás, é impossível) um acabamento puramente pictural da imagem externa no qual ela esteja entrelaçada com outros elementos do homem integral.” (BAKHTIN, 2003, p. 32). E nesse “homem integral” estão as experiências de muitos homens e mulheres negras e as essências humanas em geral nas percepções de injustiças e desumanidade. Assim, verdade e ficção se entrelaçam na narrativa de cunho memorialístico, principalmente quando esse resgate e recriação, também, se referem a “outros elementos do homem integral”, ou seja, a uma alteridade. Ao trazer para o presente suas vivências, inevitavelmente Geni Guimarães evoca o passado das pessoas com quem, direta ou indiretamente, conviveu e, nesse retorno, por mais que as lembranças estivessem vivas em sua mente, é impossível fazer uma recriação fidedigna do passado do outro, assim como do

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília.

próprio passado. No reencontro da Geni com ela mesma, se percebe na personagem Geni uma figura dócil, justiceira, sensível, inteligente e, em alguns momentos, introspectiva, no decorrer dos contos.

No primeiro conto, “Primeiras lembranças”, entramos em contato com a criança Geni. Ela ainda está sendo amamentada e, devido às perguntas inteligentes feitas para sua mãe, deve estar na faixa etária de quatro anos: “Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia, colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé.” (LP, p. 15) e durante a amamentação, às vezes, fazia interrogatórios para a mãe: “\_\_\_ Mãe, a senhora gosta de mim?” ou “\_\_\_ Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?” e a mãe, apesar de certo desconforto com esta última pergunta, disfarça e diz que “\_\_\_ Tinta de gente não sai. Se saísse (...) você ficava branca e eu preta”. Geni percebe a tristeza da mãe e conclui a conversa: “\_\_\_ Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá?” (LP, p. 15-16). Tudo indica que Geni, nessa idade, já havia introjetado o racismo sofrido pelos pais. Nessa conversa o leitor percebe que os primeiros sinais de descobertas da raça começam na primeira infância com a curiosidade de quem já nota uma cor diferente da sua e dos seres em outras pessoas.

No mesmo conto, ao conhecer o irmão, que acabara de nascer, sente-se aliviada, pois enquanto ouvia as dores do parto sentidas pela mãe, em oração, prometera à “Nossa Senhora do Oratório da minha mãe” que se ela não chorasse mais, não xingaria “o nenê de Diabo e bosta”, mas sim de “Jesus e doce de leite” (LP, p. 21). Entretanto, ao vê-lo, depois de oito dias de nascido, sente-se “descompromissada de chamá-lo de Menino Jesus. Era negro.” (LP, p. 23). Ela já tinha visto a imagem do menino Jesus como branco. O desejo de mudar de cor e a constatação de que o irmãozinho não poderia ser chamado de Jesus ou doce de leite demonstram o quanto Geni é sensível e perspicaz por já ter aprendido que o branco tem mais valor que o negro na sociedade brasileira, apesar da pouca idade. Esses dados inseridos no conto de abertura da obra, infiro, revelam, também, o cuidado da autora em se colocar como um eu enunciador conscientizado de sua cor e raça durante toda a obra.

Geni é uma menina amada, porém, incompreendida pelos familiares – “Quando eu perguntava que cor era o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul... Não entendiam que eu queria saber do céu de dentro. Eu queria a polpa, que a casca era visível.” – e atitudes como essas transformam a menina numa pessoa introspectiva – “Por isso foi que eu resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade.” (LP, p. 35) - e com dificuldades em extravasar seus sentimentos e emoções devido ao desejo de ir fundo em suas vivências. É o que se percebe nas diversas situações, abaixo relacionadas, que selecionei para análise do terceiro conto, “Enterro da barata”.

O alheamento de Geni a levou ao contato direto com o mundo animal, pois, ao “contrário dos seres humanos, os animais se mostram amigos e coerentes.” (LP, p. 35). Consequências dessa aproximação é que a menina Geni desenvolveu a habilidade de conversar com os animais – “Imitava todo e qualquer pássaro da região. Tirava de letra todas as mensagens dos cães, gatos, cavalos, formigas, baratas, etc.” (LP, p. 35) – e para completar, acaba se comunicando com os seres humanos como se fosse, também, um animal: - “Quando para rir, eu imitava as coleirinhas<sup>2</sup>; para negar alguma coisa, latia, ou para pedir, miava” (LP, p. 35) -, gerando desconfiança e desconforto nos familiares, que, aconselhados “pelo padre da

---

<sup>2</sup> Ave falconides, também chamada couré.

igrejinha local”, “botaram uma correntinha com um crucifixo no pescoço” da menina, além de ensinarem-lhe “*o Pai Nosso que estais no céu com o seja feito a vossa vontade*” (LP, p. 35).

Entretanto, Geni é o tipo de pessoa que não aceita as regras impostas no jogo social. Quando tudo parecia estar sob controle, certo dia, a pedido da mãe, Geni vai à horta para buscar couve para o jantar; ali, encontra uma barata morta. Condoída pelo falecimento da criatura, resolve aderir ao ato fúnebre, o qual estava sendo realizado, provavelmente, pelos familiares e amigos do inseto morto, e “Amarga e cabisbaixa”, acompanha-a “até a última morada.” (LP, p. 36). A participação no velório e enterro da barata custa à Geni, pela demora e seu desespero ao ser questionada pelo atraso e responder à mãe latindo, uma visita à casa da dona Chica Espanhola que, depois de fazer várias gesticulações estranhas, declara: “\_\_\_ Tem que trazer a menina aqui nove dias seguidos. Está com acompanhamento, o espírito do Zumbi do lado direito dela. Vou fazer um trabalho especial. Afasto o coisa ruim e peço a guarda da Menina Izildinha.” (LP, p. 36).

Essas duas orientações aparentemente diversas nos mostram o sincretismo religioso do afro-descendente. A orientação do padre se assemelha à da Chica Espanhola porque ao aconselhar colocar uma cruz na menina e ensinar-lhe a rezar o Pai Nosso, mostra que ele acreditava em algo maligno, enquanto a Chica Espanhola punha em evidência a crença em espírito de uma mesma raça, o Zumbi, guardando a tradição das religiões afro-brasileiras a cura por trabalhos ou despachos. Tem-se aqui uma atitude bem brasileira: ir ao padre, ao pastor e também ao terreiro. Entretanto, Geni é fantasiosa ao antropomorfizar animais, pois eles “se mostram amigos e coerentes”. O alheamento da personagem na criação imagética de uma realidade paralela é devido à solidão a que é acometida pela vida porque ela se sente incompreendida por todos, mesmo pertencendo a um ambiente familiar onde é amada. Geni, ao perceber que suas novas amizades e atitudes estavam incomodando os adultos, inteligentemente, muda de postura – “A partir de então, camuflei meus latidos. Engoli todos os miados para não denunciar a insistência da doença.” (LP, p. 37) – e, secretamente, trava amizade com um “bicho-de-pé” e com ele, mantém “diálogos longos” (LP, p. 37).

Este episódio evidencia a forma de educação recebida por Geni, junto de um ambiente familiar alicerçado pela tradição afro-descendente e por um dos mecanismos de aculturação, a religião católica. Quando os adultos tentam impedir que a menina Geni continue com os latidos e os miados, estão reprimindo, por ignorância, a imaginação e os mecanismos de defesa da criança contra um mundo adulto que não a compreende. Sendo assim, a menina Geni deverá aprender a calar sua animalidade, pois isto vai à contramão do que se espera da mulher. Entretanto, este processo de repressão, que envolve até as mulheres da família de Geni para sua efetivação, não a atinge, pois aprende a camuflar seus latidos. Nessa saída para disfarçar o problema do contato com o mundo animal em Geni, temos outro indício da perspicácia da menina por ela compreender que na convivência com os outros, muitas vezes, tem-se que sufocar as próprias verdades.

Toda criança é, por natureza, curiosa. Geni, na idade dos porquês e já conhecedora de que a sua cor a tornava diferente das outras pessoas, mesmo dentro do espaço familiar, se percebe sozinha principalmente depois da chegada do irmão caçula. Sua solidão a transforma num ser introspectivo, o que dificulta a exteriorização real de seus sentimentos, como se verifica no segundo conto de *Leite do Peito*.

Os dois contos que se seguem nessa leitura – “Fim dos meus natais de macarronadas” e “Tempos escolares” – focalizam os primeiros contatos da menina negra com a sociedade

branca racista, representada em duas mulheres: a possível esposa de um político e a professora, e na projeção desse preconceito na própria mãe, como se contatará a seguir.

No segundo conto do livro, “Fim dos meus natais de macarronadas”, Geni Guimarães relata um acontecimento que marcará muito a experiência de vida da protagonista de *Leite do Peito*. Era costume na casa de Geni, na época natalina, um grande banquete – “O que esperávamos mesmo ansiosos era a macarronada, as roscas doces, a leitoa, a galinha gorda e o guaraná” (LP, p. 27) -, porque nem sabiam da existência de Papai Noel com presentes. Entretanto, “[em] um dia, num ano político, acredito eu, avisaram que não sei quem podre de rico ia distribuir brinquedos para a criançada da colônia. Ficamos eufóricos. Natal com macarronada, leitoa, guaraná e ainda brinquedos...” (LP, p. 28). A mãe de Geni prepara seus filhos – Geni, Cema (menina excepcional) e o caçula Zezinho – e encaminha-os para a casa grande sob os cuidados de Geni, para receberem os presentes – “Eu tinha que proteger a Cema e não me esquecer do Zezinho.” (LP, p. 29) -. Além de enfrentarem uma longa espera sob “o sol ardendo na cabeça”, tinha que apoiar a Cema, que estava “chorando, urinando nas pernas” porque a garotada estava “vaiando o despudor dela.” (LP, p. 29). Finalmente, chega o caminhão e desce dele “um senhor gordo, roupas e gorro vermelhos” e “uma senhora, andando no ar nos saltos dos sapatos (...) e muitos anéis ornamentando os dedos, longos, brancos.” (LP, p. 29). A madame, antes de entregar os presentes para a garotada, sempre “alisava as cabecinhas suadas, fazia uma forcinha, rasgava” e dava “um beijo nas bochechas” delas (LP, p. 30). No entanto, quando chegou a vez da Cema receber seu presente, ela “parou e olhou na carinha negra e boba da [menina]. Fitou-a com nojo, medo, repúdio (...)”. Ela se afastou e “quase jogou o pacote na cara da Cema. Virou-se apressadamente, sem ao menos o riso fabricado. Sem ao menos atirar-lhe o beijo hipócrita, frio, triste.” (LP, p. 30).

Esta situação fere muito Geni. No fundo sabia que a atitude da madame era devido ao preconceito racial e, pior ainda, preconceito por Cema ser excepcional. A menina sente reações diversas – “Senti, então, uma enorme dor de cabeça, vontade de urinar ali mesmo sobre a terra ardente e os bicos dos sapatos dela.” (LP, p. 30) – e só no “dia seguinte, na hora do almoço, fraca e vazia” (LP, p. 31), vomita. O resultado dessa experiência, sentida na alma e somatizada por Geni, significou, também, a morte de “todos os (...) natais de macarronada” (LP, p. 31), além da morte da crença nos gratuitos gestos de bondade de estranhos. Tal fato simbolizou o amadurecimento que ela vai adquirindo enquanto negra e convivendo em uma sociedade de brancos hipócritas e oportunistas – a visita da madame foi “num ano político” – que discrimina aqueles que não estão enquadrados nos seus padrões de beleza, cor, saúde ou condições sócio-econômicas, cujo modelo é o eurocêntrico.

A menina Geni, no espaço da escola, se defronta mais diretamente com o preconceito racial. No quinto conto, “Tempos escolares”, ao preparar Geni para a ida à escola, a mãe dela recomenda-lhe:

\_\_\_ Amanhã, seu cabelo já está pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça que não desmancha. Não esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho, antes de sair.

\_\_\_ Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.

\_\_\_ Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.

\_\_\_ Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até mocô no nariz e...

\_\_\_ Mas a Janete é branca – respondeu-me minha mãe, antes que eu completasse a frase. (LP, p. 45)

Geni quer ser igual às outras meninas, porém, o que aprende com a mãe é que há uma exigência em relação ao negro quanto a atitude e a aparência. A menina percebe a cor branca

como aquela privilegiada. Janete, por ser branca, pode ir à escola de remela no olho e até mocô no nariz, ela tinha que se mostrar superior a isso, pois é negra e tal desleixo higiênico poderia lhe trazer aborrecimentos. É no lar que a criança negra aprende, muitas vezes, a se sentir inferior à criança branca. A mãe de Geni, tão sofrida devido às adversidades da vida por causa da sua cor e ainda sem instrução formal tenta, não por mal, mas por amor à filha, mostrar-lhe que, para o negro ser aceito socialmente no espaço público, tem que estar limpo, pois sua cor sempre representará algo que lembre sujeira aos olhos dos brancos.

Tal atitude da mãe de Geni mostra a naturalização da opressão na ambiência daquela família negra. Geni, uma menina negra, vai freqüentar o mesmo espaço que outra criança branca e isto é uma forma de empoderamento por parte dela e familiares, pois a aquisição da leitura e da escrita, outrora, era privilégio apenas dos brancos, mas ao incutir na menina que ela é inferior à Janete, porque esta é branca, a mãe reforça a força do preconceito racial que consegue neutralizar uma possível iniciativa da mãe de Geni em tentar reverter sua própria atitude de subserviência e mostrar à filha que ela pode ir além porque tem os mesmos direitos, enquanto cidadã, que a menina branca tem em ocupar aquele espaço público.

Dentre várias situações de preconceito racial sofridos pela menina Geni no espaço da escola, destaco a do beijo na professora, no mesmo conto “Tempos escolares”. Diva, colega de Geni, avisa que vai “dar um beijo na professora na saída.” (LP, p. 49) e suas irmãs, Arminda e Iraci, também afirmam que beijarão suas professoras e insistem para que Geni beije a sua, dona Odete, na saída. Essa situação deixa a protagonista desesperada, principalmente porque na dúvida se beija ou não a professora, esqueceu de fazer a tarefa e é advertida, duramente, por Dona Odete. Porém, no final da aula, cumpre com a tarefa do beijo, mesmo depois de chorar muito por causa do chamamento de atenção pela professora.

Novamente, um beijo coloca Geni em confronto direto com o preconceito, antes sua irmã Cema não fora beijada pela madame por estar com o rosto suado, cheio de lágrimas e catarro. Dessa vez, Geni, ao beijar o rosto da professora branca, deixa-o lambuzado. A menina estava gripada e tinha o nariz eliminando excreções que se misturaram ao seu choro. Depois de ter caminhado em direção à porta, Geni olha para trás e vê que a professora “Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira [que ela], inadvertidamente, havia deixado em seu rosto.” (LP, p. 52). Para uma criança, o mais importante é o afeto demonstrado e a atitude da professora limpando o rosto representou para Geni, naquele momento, a recusa do beijo por ser uma menina negra.

Nesse processo de crescimento dessa menina, agora, consciente de seu lugar no meio público, ela aprende a se fechar cada vez mais, aumenta-se a introspecção da infância, agora com outras razões e mais consciente e, logo, com dificuldades de comunicação. Ao retornar para casa, sua mãe, preocupada com a demora dela, questiona seu atraso e, então, Geni começa a chorar. A mãe a pega no colo e limpa suas lágrimas. Por sua vez, Geni tenta camuflar sua “dor sem nome”: “\_\_\_ Tou chorando porque tou com fome.” (LP, p. 53). Esta atitude da Geni em sufocar a verdadeira dor que sentia é indício de que, provavelmente, agirá de maneira similar em situações de discriminações raciais *a posteriori*. Porém, a certeza de que a mãe estaria ali para confortá-la – “Ela pegou-me no colo e com a ponta do avental limpou meu rosto melado de lágrima.” (LP, p. 53) – nesses momentos amargurados. No entanto, esta “dor sem nome” da menina Geni é o processo de silenciamento que afeta em cheio os afro-descendentes. Emparedados/as<sup>3</sup> num ambiente social excludente e hostil, o

<sup>3</sup> Referência ao poema em prosa “Emparedado”, da obra *Evocações*, de Cruz e Souza. Este poema revela, segundo Zilá Bernd (1992, p. 30), pela primeira vez na poesia brasileira, uma postura crítica face à

negro/a, muitas vezes, tem a voz silenciada e por mais que tente se fazer ouvir, sua voz não ecoa; é abafada nesse meio.

Os meios de comunicação, dentre eles a imprensa, as editoras de grande ou pequeno porte, a música, o teatro, que podem ser utilizados na propagação do grito afro na luta por uma sociedade brasileira menos intolerante e racista, na atualidade, principalmente contra a mulher negra, já abriram espaços para os intelectuais e militantes negros exporem, em forma de registro escrito ou oral, suas agruras e expectativas por uma sociedade onde haja, realmente, uma democracia racial; entretanto, a voz da negritude continua sem grande alcance devido a empecilhos diversos que dificultam o acesso de brancos e não-brancos à informação desejada, principalmente no que se refere ao fator sócio-econômico e à falta de estudo de grande maioria dessas pessoas.

A personagem, segundo Bakhtin (2003, p. 183), “não pode ser criada do início ao fim a partir de elementos puramente estéticos”, pois dessa forma, “esta não seria viva, não iríamos ‘sentir’ a sua significação estética”. Anteriormente, citando o mesmo autor, já havia comentado sobre o fazer literário a partir da autobiografia, caso da obra *Leite do Peito*, de Geni Guimarães e pelas análises sobre a infância de Geni, percebe-se que, realmente, não há possibilidade de se acreditar totalmente em verossimilhança com a vida da autora. Confiamos no relato e temos que crer ou não no que ela expõe como verdade do seu discurso literário. Entretanto, Geni, enquanto protagonista da obra, não foi criada “a partir de elementos puramente estéticos”. O que humaniza a menina, então, é o sofrimento, o alheamento e a incompreensão dos adultos brancos ou negros, fazendo a junção entre o real e o fictício.

## **2 – Reação ao pré-estabelecido profissionalmente à mulher negra**

Diferentemente de Ponciá e Bilisa, a vida profissional de Geni é muito melhor. No sétimo conto, “Alicerce”, a personagem, já cursando o ginásio (5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, hoje), decide que será professora. Esta decisão foi tomada acidentalmente depois que o pai de Geni chegou da lida na lavoura e, aproveitando o momento de descanso, sentado num degrau da escada da porta da cozinha, solicitou à Geni que fosse buscar o rolo de fumo de corda que estava embrulhado com papel de jornal, onde aparecia a foto do Pelé sorrindo. O pai pediu à filha a leitura do “comentário que contava façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador.” (LP, p. 69). Após a leitura, o pai de Geni conclui que o pai de Pelé “é que deve não se caber de orgulho” (LP, p. 69-70). Geni, mirando-se em Pelé, aí tido como exemplo de negro bem sucedido, decide, também, ser motivo de orgulho para o pai através da profissionalização docente e assim, fazê-lo esquecer “das durezas da vida”. Talvez a matéria sobre Pelé no papel de jornal não tenha sido a primeira motivação da personagem para escolher a profissão de professora ou qualquer outra, pois naquele momento nem sabia qual profissão seguir – “\_\_\_ Pai, o que mulher pode estudar? / \_\_\_ Pode ser costureira, professora...” (LP, p. 70) -. A resposta do pai de Geni ratifica o pensamento masculino que sacralizou a função da mulher, quando desempenhada no espaço público, como uma extensão do mesmo papel outrora realizado no espaço privado, ou seja, daquela que cuida para o bem-estar dos outros. Assim, as profissões mais apropriadas para ela só poderiam ser professora, enfermeira, empregada doméstica, dentre outras, o que, muitas vezes, mantém a mulher restrita nesse espaço, enquanto o homem, tido como

---

preconceituosa sociedade da época (1898), feita por um negro que se assume na condição de negro emparedado no mundo dos brancos.

dominante no espaço público, independente da função desempenhada, pode ser famoso, por exemplo, na função de jogador de futebol.

Após o Ginásio (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries), até no ano 2000, havia os cursos profissionalizantes ao nível de técnico em Contabilidade, Administração de Empresa, Magistério com habilitação para o ensino nas séries iniciais do Ensino Fundamental, entre outros. Acredito num estágio de indecisão que Geni, como os outros jovens estudantes, enfrentou quanto ao dilema de escolher um dos cursos técnicos do 2º Grau (Ensino Médio), daí as perguntas ao pai. Somando-se a isso, Geni, que desde menininha já sabia que sua cor de pele a tornava um corpo estranho no espaço público dominado pelos brancos, principalmente na escola, constatação feita após a exposição da professora sobre os negros, atraindo a atenção das outras crianças que a olhavam com sentimentos que ela não conseguia definir, se pena ou sarcasmo – “Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo.”(LP, p. 63) -, talvez já tivesse consciência de que o seu estudo e a sua qualificação profissional era forma de ela lutar contra o preconceito e discriminação racial e social, conquistar *status* sócio-econômico assim como Pelé conseguiu e proporcionar uma vida melhor para os pais e irmãos num futuro próximo.

A resistência da maioria dos brancos em perceber o negro além do estereótipo, ou seja, de que ele “não é capaz intelectualmente” (GOMES, 1995, p. 115), é retratada por Geni Guimarães, no mesmo conto “Alicerce” mencionado anteriormente, através do diálogo entre o pai de Geni e o administrador da Colônia em que vivia com a família e trabalhava:

Nisso ia passando por nós o administrador, que, ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e disse:

\_\_\_ Não tenho nada com isso, seu Dito, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

(...)

\_\_\_ É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. – É pra ela mesma.

(...)

\_\_\_ Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter. (LP, p. 71)

Geni Guimarães reproduz, na fala do administrador da Colônia, o pensamento de grande parcela da população brasileira branca que ratifica, ainda hoje, a função historicamente programada para o negro: o trabalho braçal em que não se necessita de mão-de-obra qualificada, porque pessoas de “cor são [feitas] de ferro”, como acredita o administrador da Colônia, e seu lugar mais apropriado é, por exemplo, “dar duro na lavoura”. Sendo assim, o esforço de uma família negra para proporcionar estudo a um “filho é besteira” e já que o incentivo ao progresso pelos estudos não vem de fora, Geni encontra total apoio dentro de casa, principalmente do pai. A mocinha, tão agradecida pela postura do pai em sua ingenuidade, chega a projetar nele a imagem e poder de Deus, sendo ele, na concepção de Geni, pertencente, também, à raça negra:

\_\_\_ Pai, que cor será que é Deus...

\_\_\_ Ué... Branco – afirmou.

(...)

\_\_\_ É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom. (LP, p. 71-72).

O empenho de Geni em ser o orgulho do pai, que lhe demonstrou apoio a todo instante até mesmo enfrentando o sarcasmo do patrão branco, estava projetado no diploma de professora, o qual simbolizava um futuro bom para ela e uma recompensa pessoal pela falta de oportunidade que não tiveram os irmãos mais velhos. Estes acompanham o pai na lavoura, não tendo tempo para prosseguirem nos estudos. Situação de várias famílias pobres naquela época e ainda hoje.

Assim, alguns sacrifícios a família de Dito Mariano, pai de Geni, teve que fazer para realizar o sonho da mocinha, como a mudança para a cidade, passando a morar numa casa alugada no “Bairro da Cruz” – que dá nome ao conto – por intermédio da comadre Joana Preta, enquanto aguardaria a construção da casa própria nos arredores da cidade, em troca da desocupação do terreno da fazenda onde vivia. Quanto ao trabalho, seu Cardoso, o administrador da fazenda “disse que (...) um caminhão vai passar para levar e trazer todo mundo, de casa para a roça.” (LP, p. 93-94). Todos estes esforços nos remetem, mais uma vez, à questão do empoderamento, representado aí na aliança estabelecida pela família de Geni para que esta se inserisse no espaço que não lhe fora reservado pela sociedade, principalmente por ser negra. Aí se constata, também, a exploração financeira da família do Dito Mariano, pois uma casa simples na cidade vale bem menos que os direitos de um terreno por menor que seja.

No último conto, “Força flutuante”, o leitor tem contato com a emoção de Geni, depois do diploma em suas mãos, ao assumir sua primeira turma de aluno, a qual era uma “classe de primeira série que ‘havia sobrado’, pois as professoras efetivas no cargo já haviam optado por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.” (LP, p. 101). A primeira situação racista, como profissional, aconteceu no pátio do estabelecimento de ensino, sob “o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas cochichavam e” a “despiam com intenções veladas.” (LP, p. 101). Geni, para se solidificar nesta carreira, precisaria de muita habilidade e perspicácia a partir daquele momento, porque pelo olhar de desconfiança da diretora, certamente sua atuação seria fiscalizada o tempo todo.

A estréia profissional de Geni representa todo mérito e esforço na luta da mulher negra por espaço digno, principalmente porque, quando a protagonista ingressou no mercado de trabalho, àquela época, o corpo docente no ensino de 1ª a 4ª séries da escola onde atuou e de outras era composto predominantemente “pela mulher branca das camadas médias” (GOMES, 1995, p. 153). Apesar da abertura de espaço à professora negra, ainda existe bastante resistência de uma grande parcela da sociedade brasileira racista e preconceituosa que teima em não aceitar a sua permanência na escola como docente, mesmo que demonstre isso apenas de uma forma velada, como se verifica na obra *Leite do Peito* e, ultrapassando as páginas desta obra, em nossa realidade atual.

Retomando o relato do primeiro dia de aula da professora Geni, deparamo-nos com a segunda situação racista, quando “uma menina clara, linda, terna empacou na porta e se pôs a chorar baixinho.” (LP, p. 101), por não querer entrar na sala da professora. A causa: “\_\_\_ Eu tenho medo de professora preta.” (LP, p. 101). Ao perceber a situação, a diretora surge para resolver o problema: “\_\_\_ Não faz mal. Eu coloco ela na classe de outra professora de primeira.” (LP, p. 102). Mas Geni intercede veementemente: “\_\_\_ Por favor. Deixe que nós nos possamos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.” (LP, p. 102). Sentindo todo o peso que a situação significava, Geni reconhece a urgência em sanar aquele conflito – “Eu precisava. Precisava por mim e por ela.” (LP, p. 102) – e assim, começa a se impor profissionalmente num meio que se lhe apresentou hostil e a mesma



sabia que sua cor negra era a principal causa de todos os constrangimentos passados até então em seu primeiro dia de aula. Assim, sabiamente, Geni encontra uma forma de ganhar a confiança da menina, ao responsabilizá-la para cuidar de sua bolsa durante a aula, após o recreio – “Ela sentou-se na minha cadeira, seu material ao lado do meu. ‘Precisei’ de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.” (LP, p. 103) -.

Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes (1995, p. 182),

Muitos alunos chegam à escola e rejeitam as professoras negras, o que exige destas uma grande habilidade para lidar com a situação. Contudo, as professoras não analisam o quanto a escola, que recebe esse aluno com tantos preconceitos introjetados, contribui para a reprodução dos mesmos, na medida em que se omite ante a existência do racismo e não cria formas alternativas de trabalho na tentativa de desconstruí-lo.

Concordo que a escola, na figura da Direção tem sua parcela de culpa, pois mantém, muitas vezes, uma postura neutra em relação ao preconceito racial na ambiência escolar, embora haja, hoje, uma preocupação dos altos escalões de incluir, em sentido amplo, no programa curricular de ensino o estudo sobre a história e cultura afro-brasileira nas áreas de artes, literatura e história do Brasil (Lei nº 10.639, de 9/1/2003 sancionada pelo Presidente Lula), o que não vem acontecendo de modo efetivo, geralmente, nas Instituições de Ensino, principalmente, as públicas. Assim, vejo na habilidade de Geni para lidar com a situação de preconceito da menina branca um exemplo de enfrentamento desse problema, evidenciando, desse modo que principalmente a professora negra percebe-se vítima da discriminação por causa da cor de sua pele, o que desconstrói o mito da democracia racial que a escola e a sociedade querem propagar.

A conduta da professora Geni leva a criança branca a perceber que a bondade, a ternura independem da cor da pele. Isso é importante principalmente às crianças das primeiras séries para que aprendam a ver as pessoas sem a conotação de cor, colaborando, assim, para que elas cresçam sem preconceitos, sem discriminação contra a comunidade afro-descendente. Que a escola seja responsável pela reprodução dos preconceitos introjetados que a criança já traz de casa é fato, porém cabe ao professorado, independente da cor da pele que tenha, valer-se de medidas que desconstruam tais atitudes racistas que povoam o inconsciente do brasileiro a partir do período da escravidão, em que ficou estabelecido o branco como superior ao negro e este devendo aprender desde cedo a se enxergar inferior por esse motivo. Desse modo, a postura da professora Geni surte efeito, a menina não a vê como a “professora negra” que inspira medo, mas uma pessoa digna de confiança:

\_\_\_ Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo, eu cuido da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

\_\_\_ Adoro.

\_\_\_ Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?

\_\_\_ Obrigada.

Combinamos.

\_\_\_ Até amanhã! – eu.

\_\_\_ Até amanhã! – ela. (LP, p. 104)

Considero o procedimento da professora Geni uma espécie de ação afirmativa, pois, mesmo de forma velada, ela lutou para se tornar visível e respeitada por si mesma, perante

aquela menina e, desdobrando o alcance de seu ato, pela comunidade escolar na qual trabalhava, valorizando, assim, o seu próprio esforço e o de seu pai e familiares no apoio para que ela fosse alguém diferente deles, ao pertencer ao espaço público, na tentativa de driblar “esta estranha condição de uma nação em que o racismo está presente porém aparentemente sem os agentes da discriminação.” (HERINGER, 2005, p. 55), que se encontram em várias instituições da sociedade brasileira, como o Estado, a Família, a Igreja e a Escola.

Ao longo deste artigo fiz algumas considerações a respeito da construção da identidade da mulher negra. As discussões, feitas com base na leitura imanente e multifacetada da obra *Leite do Peito*, permitiram-me perceber a situação da mulher negra sob um ângulo positivo: o da evolução. O crescimento da personagem Geni dentro da história (de menina pobre a professora) foge do estereótipo do destino da maioria das mulheres negras tanto do mundo ficcional da Literatura Brasileira quanto do mundo real no Brasil, pois, ao exercer uma função antes reservada a uma mulher branca, semeia uma mensagem positiva contra a interdição da maior parte da população negra ao espaço público. Portanto, vejo na escalada de Geni, apesar dos percalços sofridos por ela no decorrer dos contos de *Leite do Peito*, um estímulo ao leitor, principalmente afro-brasileiro, porque a profissionalização da protagonista negra em um ramo nobre, embora desprestigiado atualmente, pode despertar nele a vontade de vencer e conquistar, apesar de sua condição sócio-econômica, um bom lugar no mundo considerado dos brancos pelos próprios méritos. A inserção profissional da negritude prova que o negro é tão inteligente e capaz como qualquer pessoa de outra raça, o que o torna capacitado para ocupar um espaço nas funções prestigiadas da sociedade brasileira em que sua presença é minoria, como médicos, juízes, ministros, professores universitários, etc.

Geni representa, com algumas limitações, a carga de sofrimento do afro-descendente, principalmente da mulher negra. A escritora Geni Guimarães conseguiu construir essa personagem na medida certa para visibilizar alguns aspectos da mundividência do povo afro-brasileiro mostrando, através de personagens femininas negras, um comprometimento etnográfico quando se coloca nas entrelinhas de um discurso não sobre o negro, mas do próprio negro. Sendo assim, há uma possível verossimilhança entre escritora e personagens em relação às dores sentidas por causa da intolerância provocada pelo preconceito e discriminação raciais contra o negro e a negra, porque, mesmo ocupando lugar de prestígio na sociedade, eles continuarão sendo vistos por muitos não por suas qualidades interiores, mas pelo estigma da cor da pele negra. No entanto, mesmo a protagonista de *Leite do Peito* tendo quebrado a barreira e assumido uma profissão destinada, em épocas passadas, à mulher branca de classe média, “a simples ascensão social do negro”, de acordo com Jacques D’Adesky (2001, p. 78), “não lhe assegura plenamente um reconhecimento universal e recíproco”. Segundo o autor, “é necessário remediar a projeção de uma imagem desvalorizada ou depreciativa do grupo através de igualização” para que a situação da população negra tenha esse reconhecimento total e isso só pode acontecer se o afro-descendente não perder a perspectiva de luta e coragem dos seus ancestrais e se fizer notar enquanto sujeito da própria história com direito à voz e a um espaço melhor do que aquele que a sociedade racista e capitalista brasileira insiste em lhe reservar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.  
 BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.  
 BOSI, Alfredo. Imagem, discurso. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 19 – 47.

- D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- GUIMARÃES, Geni. *Leite do peito: contos; ilustrações de Regina Miranda*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.
- HERINGER, Rosana. Visões sobre as políticas de ação afirmativa. In: SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da. (Org.). *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 55-62.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.